
**“A HISTÓRIA DO CEARÁ:
PLANO PARA A SUA ELABORAÇÃO”
(Notas, comentários e sugestões)**

Paulo Elpídio de Menezes Neto

*“Só nos domina o preconceito da Verdade”
Thomaz Pompeu Sobrinho*

Registra Thomaz Pompeu Sobrinho na abertura de **“História do Ceará: Plano para a sua elaboração”**, publicado na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, Tomo LX – Ano LX, de 1946, a decisão tomada na sessão de 20 de dezembro de 1938, em decorrência da qual “esta velha sociedade cultural tomaria a si o grave e sério encargo de escrever e editar uma História do Ceará”. Embora já conhecida antes da sua investidura na Presidência do Instituto, a apreciação da proposta de Thomaz Pompeu Sobrinho sofreria seguidos adiamentos até a sua adoção como **Programa** definitivamente estruturado, em 20 de agosto de 1941. A edição da primeira monografia, das 26 que compoariam a obra, dar-se-ia somente em 1946, a de número 4, precisamente a “Proto-Histórica Cearense”, da autoria de Thomaz Pompeu Sobrinho.

A versão inicial do Projeto incorporou algumas mudanças em virtude das alterações ocorridas no quadro social sendo “acrescido, recomposto e integrado”. Refere Pompeu Sobrinho que “conseqüentemente, a distribuição dos trabalhos ficou alterada e pede adequada reconstituição”. Tornou-se, assim, indispensável a revisão do “arranjo e do inventário da matéria e acertar as providências preliminares, ten-

dententes à execução prática da obra”.

Transparece no texto a preocupação do autor em “lembrar as idéias que orientaram a organização do **Programa** e devem presidir à dos trabalhos”. Examinaremos, de início, algumas questões suscitadas, que buscam situar os objetivos da pesquisa histórica e os procedimentos de ordem metodológica, na perspectiva da execução do trabalho proposto.

Pompeu Sobrinho representa uma síntese inetelectual incomum, em sua época, de homem de Ciência e de Humanista. Aliou, com erudição e probidade, com equilíbrio e isenção, na justa proporção da percuciência do Sábio, a utilização dos instrumentos quantitativos de avaliação e mensuração dos fenômenos da natureza à observação atenta e cuidadosa dos fatos sociais, da Terra e do Homem cearenses. A sua contribuição para os estudos históricos no Ceará ocupa plano destacado na nossa historiografia – abriu novas vias de abordagem e aprofundou a compreensão de um período pouco conhecido da História regional, aquele que se estende pelas vésperas da colonização. Sem abandonar-se às tentações de um cientificismo iluminista que seduzia a **intelligentsia** do seu tempo, reconhecia, contudo, Pompeu Sobrinho que o “conhecimento concatenado, conexo e científico do passado pode alcançar alguma claridade...” e “... permitir uma melhor e mais eficiente compreensão do presente”.

Toda e qualquer análise histórica que despreze as íntimas relações que se desenham entre as ações dos homens e o meio físico em que vivem é parcial, incompleta e destituída de fundamentação científica, segundo Pompeu Sobrinho. “Não existe e não pode existir fenômenos social ou histórico que se não processe num espaço geográfico”, afirma. E conclui: “Sendo o fenômeno histórico a resultante vetorial e não escalar das componentes essenciais – meio cósmico-geográfico, meio social e meio biológico – importa ao historiador que deseja fazer realmente história e não simples narração, crônica ou relatório, determinar previamente a orientação geral de cada uma destas componentes ou funções, definindo-lhe, tão aproximadamente quanto possível, a direção, o sentido, a extensidade e a intensidade”.

A importância das “**démarches**” científicas na pesquisa e na análise dos fatos históricos não revestia, para Pompeu Sobrinho, a visão comtiana das ciências do mundo físico, esquema prestigioso sobre o qual se fundamentava todo conhecimento autêntico que levasse, apoiado por demonstrações irrefutáveis à formulação de leis universais. Reconhecia, entretanto, o valor insubstituível do ordenamento sis-

temático dos fatos, explicados à luz dos condicionantes do meio físico e social. Recusa sujeitar-se às influências das correntes sistematizadas “que têm guiado os historiadores dos nossos dias”. Insurge-se contra as tendências crescentes de indiferenciação dos fatos sociais e históricos, identificando uma invasão inaceitável, a seu ver, da sociologia no campo da história. Por essa razão, elege outros caminhos que não os da **New History** como balizador do seu trabalho e do seu **Programa**. Nega, finalmente, a História transformada em instrumento de justificação do marxismo, por constituir-se formas perigosas, “com as quais se viciam ou mistificam acontecimentos importantes do passado, e portanto, impossibilitam a conexão necessária e lógica dos fenômenos históricos”.

A perspectiva que anima Pompeu Sobrinho e o conduz à definição dos contornos do seu **Programa** desenvolve-se a partir de uma visão objetiva da necessidade de compreensão dos fenômenos históricos e dos seus numerosos condicionantes. Para ele, importa trilhar “caminho mais compatível com as circunstâncias que nos são próprias; queremos um adequado arranjo entre a análise, as pesquisas fragmentárias e profundas dos fatos e a síntese – construtiva e panorâmica”.

Os objetivos do **Programa**

1. “Codificar todos os conhecimentos relativos à história cearense, muitos dos quais andam por aí dispersos, sendo que alguns se tornam cada dia de mais difícil e trabalhosa consulta”;
2. “Enriquecer este acervo com novos elementos, fatos inéditos, mediante investigações pessoais”;
3. “É necessário apertar os elos da corrente. Parece lógico que isto não basta, e nem nos satisfaz. Queremos evitar obra puramente mecânica, secamente material e, portanto, impessoal. Importa dar ao trabalho a marca do **Instituto**, o cunho próprio da época e da cultura moderna e o estigma pessoal de cada colaborador”;
4. “Parece não comportar controvérsia a necessidade de dar ao trabalho de cada um diretrizes que levem ao conjunto da obra certos traços gerais uniformes, uma estrutura homogênea e harmônica”;

5. "A explicação que daremos dos fenômenos, cuja seqüência constitui a nossa história, será a determinação, tão completa como possível, das variáveis de que cada um depende";
6. "Se não acertarmos regras práticas de orientação comum, ficaremos expostos ao perigo de arquitetar um edifício, sem estilo, um conjunto desarticulado, um produto indisciplinado e irredutível àquela superior unidade que caracteriza e valoriza as obras coletivas bem planejadas".

Resultados esperados

"Racionalmente orientar o nosso comportamento de historiadores e pesquisadores abrindo e limpando o caminho às tendências criativas e evolutivas".

Sugestões quanto ao conteúdo e ao estilo

1. "... na exposição e comentários dos fatos teremos de banir as formas convencionais, os quadros espetaculosos, as expressões pomposas, as frases sem imediata significação, os lugares comuns, o sentido ambíguo, as repetições tautológicas...";
2. "O estilo que se recomenda não comporta, naturalmente, muita elevação, há de ser simples, desprezencioso e conciso, todavia sem descambar para a fatigante monotonia dos relatórios";
3. "O exame das fontes com minudente atenção e espírito crítico não pode ser esquecido";
4. "Cumpra que estejamos alertas quanto a certas fraquezas que por vezes nos assaltam insidiosamente, fraquezas que poderiam, em dada emergência, prejudicar a cristalina limpidez dos nossos trabalhos";
5. "Na deficiência de informações que esclareçam a compreensão dos fatos e o seu lógico encadeamento, deixaremos as lacunas abertas, porém, precisaremos com o possível rigor os seus limites";
6. "Controlar qualquer hipótese que devamos formular (...) é submetê-la a severas verificações que dão a medida do seu valor, o grau da sua perfeição ou a razão da sua imprestabilidade".

O Instituto e o Programa

“Em poucas palavras – o que deseja o **Instituto** é uma exaustiva **historiografia cearense**, tanto quanto possível explicada, criteriosa e solidamente ligada à terra. Quer uma hábil ressurreição da vida passada, uma justificação sistemática e expressiva, embora nem sempre acabada, mas sincera, da conduta do agregado humano que ocupou, se instalou e se desenvolveu na gleba cearense. Quer uma inteligência lúcida das nossas atividades pretéritas”.

O **Programa**, como paradigma de um trabalho coletivo, deve conciliar os aspectos de uma estrutura bem elaborada, coerente e articulada nos seus elementos formais, refletindo orientação comum, sem, todavia, colidir com a expressão individual das monografias. Segundo Pompeu Sobrinho, “compreende-se que o plano fundamental exige uma explicação” que permita a cada colaborador dirigir facilmente:

1. Os seus esforços de pesquisa;
2. A coordenação dos novos elementos, por ventura coligidos;
3. O seus comentários e apreciações;
4. As suas hipóteses;
5. A disposição da matéria; e finalmente,
6. A exposição e redação, de modo que o trabalho se revele sistematicamente bem proporcionado dentro dos seus limites e ajustado ao conjunto que se deve apresentar, tanto quanto possível, sincrética e equilibradamente constituído”.

Comentários

As grandes mudanças e transformações que o estudo e a análise históricos sofreram em um século, das influências positivistas dos anos 1880 às revoluções ideológicas dos começos dos noventa, desencadearam reações cujos efeitos se refletem em uma multiplicidade de correntes e tendências filosóficas, sociológicas, econômicas e políticas contemporâneas. Alguns fatores dessas transformações e suas conseqüências sobre o sistema histórico podem ser analisadas. Dentre os principais fatores de transformação, pode ser incluído o **processo de politização**, a que estão sujeitos os próprios historiadores e as instituições que se integram no **sistema de produção** da história. O princípio da objetividade da história, tão caro a muitos pensados

res, não passa, a rigor, de um mito, lembra Georges Duby ⁽¹⁾. “Fomos progressivamente descobrindo que a objetividade do conhecimento histórico é um mito, que toda a história é escrita por um homem e que quando esse homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio”. Todo historiador pertence a um grupo, tem fidelidades com determinadas idéias ou correntes intelectuais, quando não se filia e se submete à disciplina imposta das ideologias ou dos interesses pessoais. O esforço que a história exige de quem a estuda é o de “compreender”, antes de submeter-se ao impulso de “julgar”. Entre os apelos, com os quais convive o pesquisador da história no seu labor cotidiano, termina por predominar aquele que lhe fala à alma e à sua paixão. A **influência da sociologia** cresceu a partir da Durkheim e da sociologia alemã, em função das questões que submeteu à apreciação dos historiadores, numa intenção clara de descobrir no passado a regularidade dos fenômenos, suscetíveis de caracterizar **leis sociais**. As **influências do pensamento marxista**, ao lado das grandes revoluções recentes (industrial, tecnológica, eletrônica...), induziram formas explicativas comprometidas com um instrumental de análise desenvolvido a partir de metodologia própria, cujo interesse privilegia os movimentos sociais, os movimentos operários, o papel das massas nos períodos revolucionários...

Parece, assim, natural, a reação, de inspiração marxista, mas também originada no pensamento que deu forma à Escola dos Anais, por volta de 1929, na França. A **História Nova** já afirmava que a história profunda, aquela das mudanças duráveis é indiferente “à cronologia fina das fronteiras políticas” ⁽²⁾. As reações contra a **historia-historicista**, a **história-batalha**, a **história acontecimental** refletem a insatisfação, que se generalizou entre cientistas sociais e historiadores, em relação a certas abordagens destituídas de preocupações sociais, econômicas e políticas que reduzem a análise histórica a simples registros, depoimentos ou narrativas desprovidas de senso crítico.

Vimos, assim, crescer o prestígio de numerosos **gêneros** ou de uma **tipologia** específica da história e uma produção de excelente qualidade, tais como a **história do cotidiano**, uma **história das mentalidades**, uma **história do imaginário coletivo**...

Afinal, acreditava Michelet, o objetivo da história é por natureza o

(1) Georges Duby – “História e Nova História”, Teorema, Lisboa, pág. 7.

(2) Charles-Olivier Carbonell – “L’Historiographie”, PUF, Paris, pág. 109.

-homem. Os homens, diria Marc Bloch, acrescentando: "Mais do que singular, favorável à abstração, convém a uma ciência da diversidade e plural, que é o modo gramatical da realidade. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos aparentemente mais glaciais e das instituições, aparentemente mais distanciadas dos que as elaboram, são exatamente os homens que a história pretende apreender" (3).

Sugestões

Ao enfatizar a precedência que atribuía ao "adequado arranjo entre a análise, as pesquisas fragmentárias e profundas dos fatos, e a síntese – construtora e panorâmica", Pompeu Sobrinho defendia uma "atitude científica" em relação aos fenômenos históricos e às suas vertentes naturais, físicas, ambientais, econômicas, sociais, psicológicas e políticas, sem, entretanto, perder de vista os aspectos profundos que fazem do homem o objetivo primeiro da história.

A proposta de um rol de monografias como **Programa** para a elaboração de uma História do Ceará, tal como o fez Pompeu Sobrinho permanece atual, decorridos 50 anos da sua aprovação.

Cabe, naturalmente, a ampliação do leque de possibilidades, o desdobramento dos temas sugeridos sobretudo no que diz respeito aos itens relacionados com o que se convencionou chamar de **histórias autônomas**.

O aprofundamento de alguns temas relevantes, como a vida política e a influência das idéias na formação de um pensamento representativo (magistério, imprensa, instituições culturais, etc.), poderá apresentar resultados estimulantes, do ponto de vista da pesquisa e da produção históricas.

Quanto às monografias de número I a VII (estudam o meio físico, o homem e o meio social, através do tempo, numa larga síntese), sugere-se o desdobramento de alguns temas, de modo que questões e fatos relevantes possam ter o necessário destaque. A propósito, valeria lembrar, alguns movimentos políticos ou sociais cujas repercussões foram notórias para a História do Ceará: a Abolição da Escravatura, os movimentos pela Independência, dentre outros. Alguns movimentos

(3) Marc Bloch – "Introdução à História", Europa/América, Lisboa, pág. 29.

sociais mais recentes, que datam do período republicano incluem-se nesse meio: sindicalização, relações sociais no campo...

Quanto às monografias de número VIII a XXVI (de caráter analítico, destinados ao estudo particularizado de todas as grandes manifestações humanas, tomadas, tanto quanto possível, isoladamente, com o fim de facilitar a fixação dos trabalhos), sugere-se a inclusão dos seguintes títulos:

História Política;

História Religiosa (incluindo-se os ritos afro-brasileiros);

História da Música;

História da Medicina; e

História das Idéias.

Propõe-se, ainda, a substituição do título "A história da instrução e da educação – pública e particular" por "A história da Educação", mais completa e abrangente.

A elaboração de um "Atlas Histórico" dever-se-ia incluir em uma **Programação** editorial, ao lado das Monografias; o mesmo devendo ocorrer com a edição de um "Atlas Lingüístico", empreendimento com o qual está envolvida a Universidade Federal do Ceará e com o qual poderia o **Instituto** associar-se.

As propostas constantes destas Notas pretendem servir de estímulo a uma ampla discussão do **Programa**, como procedimento capaz de motivar e envolver os sócios do Instituto, comprometendo-os com a continuidade editorial das monografias.

Ao submeter estas apreciações à Diretoria do Instituto e aos ilustres consócios, sugere o signatário a constituição de um grupo de trabalho ao qual possa atribuir-se a tarefa de uma revisão cuidadosa do **Programa**, para a inclusão de novas monografias ou o desmembramento das inicialmente previstas.

Fortaleza, 5 de fevereiro de 1991.

Monografias Editadas

Monografia 3 – Pompeu Sobrinho – Pré-história Cearense (1º V), 1955.

Monografia 4 – Pompeu Sobrinho – Proto-História Cearense (1946).

- Monografia 12 – Raimundo Girão – História Econômica do Ceará (1947).
- Monografia 15 – Eusébio de Souza – História Militar do Ceará (1950).
- Monografia 18 – Dolor Barreira – História da Literatura Cearense (Vol. 1 – 1948; Vol. 2 – 1951; Vol 3 – 1954; Vol. 4 – 1962).
- Monografia 22 – Plácido Aderaldo Castelo – História do Ensino no Ceará (1970).
- Monografia 23 – Joaquim Alves – História das Secas (1º Vol. – 1953).
- Monografia 23 – Pompeu Sobrinho – História das Secas (2º Vol. – 1953).

Comunicação apresentada em plenário por solicitação da Presidência

ESCLARECIMENTO

Atendendo a solicitação da Presidência, em cujo exercício encontrava-se o consócio Mozart Soriano Aderaldo, apresentei à superior consideração da Diretoria e do Plenário as conclusões a que chegara do exame da estrutura orgânica e editorial da **Revista**. Das sugestões formuladas em documento distribuído entre os sócios do Instituto, merecem o devido destaque a inclusão no corpo da publicação de uma Monografia e de uma secção através da qual deveriam veicular-se as **Recensões** (ou resenhas), registro crítico de um texto dado à divulgação, a exemplo do que fazem os periódicos mais importantes de natureza científica ou cultural.

A palavra **Recensão** suscitou dúvidas quanto a sua correção, motivando indagações, amparadas por respeitável erudição, quanto a sua origem e à correta acepção em que fora empregada.

Cuidei por bem, com a intenção de dirimir equívocos ou mal-entendidos, em oferecer à erudita assembléia dos sócios desta respeitá-

vel Casa algumas informações:

A palavra **Recensão** foi empregada no texto do Projeto Editorial, trazido à apreciação do Instituto, como equivalente a registro crítico de artigo ou livro editado; nesta acepção, **Recensão** traduz esforço que se sobrepõe ao da elaboração de uma **Resenha**, por não tratar-se de um simples relato, ainda que minucioso, ou enumeração por partes. Este é o sentido atribuído à palavra **Recensão** por um grande número de periódicos especializados em questões científicas, filosóficas ou assemelhadas em circulação no País.

Registra o "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa":

Recensão | ... | "3. Apreciação breve de um livro ou de um escrito; resenha".

O "Dicionário Prático Ilustrado", de Jaime Séguier (1986):

Recensão. "Exame crítico de uma obra".

Antônio Houaiss – "Elementos de Bibliografia", Editora Hucitec, Instituto Nacional do Livro, São Paulo, 1983.

"**Recensão**, como conceito ecdótico, que não deve ser confundido com 'recensão', conceito de crítica, noticiário ou informação literários relacionados com o aparecimento de um livro". (pág. 227).

"Uma recensão crítica de certos aspectos desse projeto – aspectos conexos na maioria dos casos com as questões ventiladas neste livro – pode ser lida em trabalho do autor" (pág. 11 do 2º volume).